

ÁRVORE E ALMA

ROBERTO GAMBINI

Cometerei a ousadia de lhes expor algo sobre que jamais falei em público antes – idéias, pensamentos, emoções que na verdade nascem no meu consultório em momentos de intimidade com outra pessoa, em conversas com minha mulher ou quando ando pelas ruas da cidade. Há algum tempo isso tudo vem ocorrendo e agora tentarei alinhar essas idéias e imagens pedindo sua benevolência como ouvintes.

Escolhi esse tema para ilustrar a questão central deste Simpósio abordando uma problemática contemporânea. Na verdade, quem chegou a esta sala vindo pela rua Cardoso de Almeida e atravessando esse corredor que conduz à entrada da PUC já entrou em contato direto com meu tema, pois ali se encontram seis árvores mutiladas. São cinco ameixeiras e uma amoreira que, a pretexto de poda, encontram-se na seguinte situação: uma morreu, outra está morrendo e as demais foram golpeadas para sempre. Aquilo não tem mais conserto.

Esse é meu tema. Quero fazer uma reflexão sobre a relação entre Natureza – as árvores da PUC, de Perdizes, da cidade de São Paulo, do Brasil – e nossa alma, nossa psique. Quero problematizar e pensar uma possível relação entre esses dois fenômenos, natureza externa e árvore e natureza interna e psique.

Roberto Gambini é analista junguiano e sociólogo.

No decorrer desta semana, tive por duas vezes a ocasião de notar aquilo que Jung chama de sincronicidade. Há três dias o jornal *Folha de São Paulo* noticiou a poda e derrubada de cinco figueiras de 40 a 50 anos de idade no Alto de Pinheiros por uma empresa contratada pela Prefeitura. A razão disso é que uma maratona, a realizar-se em breve, possa ser televisionada por câmeras instaladas em helicópteros, sobrevoando a área, sem que a enorme copa dessas árvores impeça a visão do fugaz instante em que os atletas passarão correndo pela avenida. Um momento no vídeo em troca de décadas de vida em crescimento. E o outro caso, como vários de vocês devem ter visto, a Eletropaulo envia grampeado à conta de luz deste mês um folheto que diz o seguinte: “Ajude a evitar a falta de luz. A Eletropaulo quer viver de bem com as árvores e com você. Você sabia que até 80% da falta de luz tem como causa galhos de árvores na rede elétrica? As árvores, assim como a rede elétrica, são essenciais para garantir a boa qualidade de vida. No período de maio a dezembro, a Eletropaulo em conjunto com a Prefeitura de seu município estará podando todas as árvores que ameaçam a sua segurança e o fornecimento de energia elétrica. E só responder a pergunta que está na sua conta de luz, pagar a conta normalmente e o banco nos enviará sua informação.”

A pergunta é a seguinte: “Há alguma árvore em frente à sua casa que prejudique a rede elétrica?” Nesse caso, você faz um X na conta de luz e a estatal estará informada sobre o número de árvores que estão atrapalhando a rede elétrica (segundo os critérios do morador) e a poda será providenciada. No canto do panfleto há uma pequena ilustração: uma árvore e um poste desenhado dentro dela, para demonstrar esse conflito – e a desejada harmonia – entre fiação e árvore, tecnologia e natureza. Só que o poste está desenhado como uma cruz. Parece que a mensagem latente é: as árvores serão crucificadas – o que de fato já está acontecendo.

Tenho uma claríssima lembrança do momento em que a idéia de que eu poderia dizer algo a respeito das árvores pousou em minha mente como um passarinho, em 1984. Não tive, nem criei, portanto, essa idéia: ela pousou. Eu subia a Avenida Rebouças uma certa manhã quando vi uma fileira de palmeiras recém plantadas na calçada, enfeitando a fachada de um imóvel comercial. Notei que exatamente sobre elas corriam vários fios elétricos e naquele instante a idéia veio como frase: “estas palmeiras serão decapitadas.” Nasceu em seguida uma vontade, a de fotografar árvores na cidade de São Paulo, ameaçadas como estas, ou sofrendo por terem sido plantadas em locais inadequados, ou que estão sendo agredidas, contra as quais algum tipo de violência consciente ou inconsciente esteja sendo cometida.

Abaixo das fotos, uma frase não ecológica, jornalística, psicanalítica ou poética, mas o que cada uma destas arvores diria se falasse.

Isso foi no ano de 1984, e como muitas vezes acontece esse projeto foi para o arquivo morto onde ficou dormindo. Às vezes eu lembrava dele e me comprometia a realizá-lo “algum dia”. Passaram-se onze anos. No fim do ano passado eu conversava com um babalorixá que me falava de Oxóssi, o senhor das matas. Nesse instante o projeto guardado penetrou na minha mente e resolvi contá-lo a meu interlocutor, que me ouviu atentamente e ao final apenas disse: “você deve realizá-lo”. Essas poucas palavras detonaram meu desejo, armei a máquina fotográfica e comecei a fazer as primeiras fotos em meu próprio bairro. E pouco a pouco como que uma compreensão foi se desdobrando e fui dando trela, para me dar conta do sentimento que estava tentando se manifestar. Fui entrando em empatia com as árvores. Ou, para usar uma expressão do antropólogo Lévy-Brühl, que Jung muito apreciava, deixei-me cair num estado de *participation mystique* com elas emprestando-lhes um pensamento, uma sensibilidade, um corpo que sofre, um corpo que quer sentir o prazer do crescimento pleno e do florescimento, sentir o prazer do brotar – termo que o prof. Henrique Murachco elegeu nesta noite como o que melhor expressa a essência de Physis.

Uma idéia que parece fazer um bom sentido é a seguinte: uma árvore é a atualização de um projeto que já se encontra completo na semente, que a contém inteira em estado de potência. No momento em que se inicia o processo de germinação, há uma inteligência organizadora do processo de multiplicação celular, que fará com que o crescimento não se dê de forma desordenada, mas vá progressivamente construindo uma das mais belas estruturas naturais até atingir a plenitude, que é o crescimento completo da árvore segundo suas próprias leis, sua espécie, sua individualidade – não havendo portanto jamais duas árvores iguais, razão pela qual é tão convidativo compará-las a seres humanos.

Na antiga tradição mitológica existem muitas versões da árvore da vida, da árvore do indivíduo, da árvore da sabedoria, da árvore do conhecimento do bem e do mal, da árvore do sacrifício, da verdade, da justiça, da felicidade, da iluminação, da árvore alquímica, filosófica, cabalística, cósmica, eixo do mundo. Há tantas. Há uma identidade simbólica entre árvore e indivíduo e sua alma.

Deixei-me então impressionar por essa idéia de crescimento pleno e quando vejo o que acontece ao nosso redor – e acabamos de ouvir a ameaça que vem por aí – o que podemos então pensar? Podemos pensar que estamos cada vez mais rodeados de manifestações da mutilação do

crescimento pleno. Por que isso? Porque a maneira como é feita a poda das árvores impede, irremediavelmente, que refloresçam e reconstituam o que foi amputado. Um galho maduro cortado não se refaz nunca mais. É possível que surjam brotos secundários, brotos que despontam desordenadamente em torno da área decepada – numa das ameixeiras desganhadas na entrada da PUC pode-se ver um pobre broto solitário tentando refazer a vida ameaçada, mas ele não conseguirá, a árvore não irá se refazer através do esforço daquele broto. Vejo então aparecerem cada vez mais na cidade de São Paulo símbolos vivos do crescimento abortado, da impossibilitação do desenvolvimento pleno. E sem nos apercebermos, nossos filhos vão crescendo cercados de mementos, de pequenos toques, de rápidos lembretes, de símbolos a nos indicarem que o crescimento é indesejável.

Porque acredito que viceja entre nós o que eu chamaria de mito da poda, mais ou menos assim: “é bom para a árvore. Se for podada, ela crescerá melhor.” Mas como lembra José Lutzenberger, se essa prática, aliás pouco conhecida em outras partes do mundo, fosse botanicamente correta, as árvores não podadas não cresceriam bem e não estariam saudáveis – o que é falso, porque qualquer árvore em estado natural pode atingir sua forma plena. Se assim não fosse, os bosques naturais e as florestas desapareceriam sozinhos. A poda foi “descoberta” pelo homem mesopotâmico ou mediterrâneo observando cabras a roerem brotos de uma videira ou oliveira e seu posterior crescimento vicejante. Com o tempo, a poda virou uma técnica, um conhecimento – mas sempre de árvores frutíferas, que assim crescem mais harmoniosamente, com melhor insolação e aeração, produzindo mais frutos.

Essa idéia generalizou se, atingindo as árvores não frutíferas. O que me parece estar na raiz desse processo é um fenômeno de projeção. Nós todos estamos projetando nas árvores algo que nos incomoda muito. Aliás, dizer “nos projetamos” é incorreto, nós não projetamos nada. Algo que está em nosso inconsciente se projeta sobre as árvores, e aí surge essa história de poda. Quero crer que é um complexo que está sendo projetado nas árvores, o complexo de crescimento: nosso, enquanto indivíduos, e o de nossa sociedade. Com isso chego à constatação de um drama. Somos um país do Terceiro Mundo. A questão do crescimento é central para nós, porque não sabemos, não conseguimos crescer de modo a superar essa circunstância histórica. Miramo-nos em espelhos inadequados. Nosso crescimento fica encruado, não há sonho, não há projeto. Mas nele reside nossa esperança de transcender um estado de atraso perante a ordem internacional. E bom pensar que nas próximas décadas talvez ocorra um despertar desse desejo, ou desse sonho de desenvolvimento.

Ora, como entendo essa possibilidade de despertar o arquétipo de crescimento quando, simbolicamente, o que fazemos é mutilá-lo? Defendo portanto a idéia de que as árvores mutiladas são o espelho de nossa alma. Não estamos vendo apenas árvores. Vemos, como num espelho, uma realidade não perceptível diretamente, um estado nosso de mutilação interior. Porque não estamos conectados com a fonte de nossa vitalidade. E quando digo nós, digo nós brasileiros. Se fosse representar o Brasil como uma árvore, eu veria sérios problemas nas raízes. As raízes da árvore Brasil não estão podendo penetrar naqueles níveis profundos, obscuros, inatingíveis por outros meios onde se encontra a seiva, captável através de filamentos, de pelos, de extremidades finíssimas que se estendem em ampla circunferência. Vista de cima, esta árvore configura uma enorme mandala, com raios em todas as direções. Mas no solo brasileiro, no solo psíquico brasileiro, essas raízes estão impedidas de atingir o leito onde jaz nossa alma ancestral. Que não começou em 1500.

Começou então quando? Há dois mil, vinte mil, cinqüenta mil anos? Mais? É uma alma que foi lentamente se formando através da sucessão de gerações e gerações de seres humanos que viveram em nosso solo e que no transcorrer de silenciosos e ignorados séculos criaram cultura, criaram religião, criaram mitos, linguagens, formas de organização social, criaram uma sabedoria – que foi, desde o início de nossa história branca, negada, golpeada e destruída pelo elemento colonizador da terra brasileira.

Considero essa alma ancestral do Brasil como um repositório de enorme importância para alimentar, a partir de uma raiz profunda, o fortalecimento de nossa identidade. Creio que isso é fundamental para que possamos avançar na questão do subdesenvolvimento – mais, talvez, do que movimentos na esfera política, econômica, constitucional, social ou o que quer que seja.

Vejo portanto problemas na raiz. Vejo problemas na terra, metaforicamente falando. Compactada demais, nela não entra ar. Ar é espírito, “logos”, idéia. Não entram idéias, parece que o “solo” brasileiro está tão pisado, tão comprimido que não entra ar novo, um pneuma renovador, para que da terra e do ar resulte um ecossistema favorável à circulação e captação dessa seiva e sua transmissão ao tronco.

O tronco é a nossa união. União de um povo, quando dizemos “nós”. O tronco faz derivar dessas raízes fincadas no inconsciente coletivo uma expansão horizontal, através da multiplicação dos galhos, que são nossas criações, a cultura, o conhecimento, as realizações de todos os tempos, a materialização do ser e do fazer brasileiros. Isso são os galhos, até chegar ao detalhamento e diferenciação representados pelas folhas, que garantem

a sobrevivência e a reprodução do todo através das sementes. As folhas da nossa árvore estão em parte secas: nossa miséria, nossa mortalidade infantil, nossa fome. E suas flores, frutos e sementes, muitas vezes encruam no nascedouro.

De volta às ruas, o que nelas vejo é um conflito acirrado entre árvore e poste, este sem dúvida o vencedor. Duas figuras interessantes de se pensar. Por que é que um poste, seus fios e a eletricidade que transmitem devam necessariamente ter sempre a primazia sobre a árvore? Amplificando um pouco e rebatendo sobre um plano mais fundo essa questão, chegaremos a uma compreensão de nossa civilização em seu ato de privilegiar a racionalidade e a tecnologia sobre a natureza e a alma. Esse mal tem sido diagnosticado por algumas boas cabeças pensantes, de C.G. Jung a James Hillman, como a doença atual da *anima mundi*. A alma do mundo, negada, adocece. O poste merece mais atenção e tem mais valor do que a árvore ou a alma. O raciocínio tecnocrático quantifica em termos monetários o custo de manutenção de um poste; mas é chocante pensar que não se sabe quanto custa uma árvore. Quanto vale uma árvore de 50 anos em termos monetários? Quanto vale sua sombra? Apenas uma indicação: estudos recentes apontam um significativo aumento do número de passarinhos em São Paulo. Surpresa para quem já se habitua à terrível idéia da degradação da qualidade de vida e do tecido urbano. Pois eles migram como os sem terra, fugindo da desarborização rural e da cana-de-açúcar e suas queimadas, migram para esta zona encoberta por uma calota de poluição onde, apesar de tudo, há árvores. Aqui temos, pelo menos, um augúrio.

A revista *Veja* publicou uma reportagem por ocasião das grandes chuvas do último verão (1996), segundo a qual chegam a cair 80 árvores num só dia de vendaval – o que a propósito é reacionariamente usado como argumento a favor da poda: a árvore como perigo permanente. Ora, elas caem porque suas raízes não podem se aprofundar num solo compactado revestido de cimento e asfalto, sobre uma teia de esgotos e dutos de vários tipos. A árvore é naturalmente capaz de se enraizar, o problema é que seu plantio é caótico, espécimens de grande porte são plantados sob a rede elétrica ou em outros locais inadequados. Reina a mais absoluta falta de interesse por descobrir-se o que de fato está acontecendo. A revista diz que em São Paulo há 10 milhões de árvores, mas o cálculo é amostral e sem critério. Nem a Prefeitura nem ninguém sabe quantas árvores há, mas há sim um patrimônio inestimável. Se todas as árvores forem cortadas, não teremos outras no mês que vem. Trata-se de um patrimônio indiscriminado quanto a seu valor, que é dilapidado sem responsabilidade assumida,

característica, aliás, bem nossa. Numa era tecnológica há valores ignorados como se não o fossem.

Para estimular um pouco a reflexão, li alguns artigos contidos nos anais de um simpósio de arborização urbana – existe isso! – e havia um, muito bom, sobre essa história em São Paulo. Há cento e poucos anos, esta que já é talvez a segunda maior cidade do mundo não passava de uma vila que se animava com a passagem de tropas de burros que subiam a serra do Mar rumo ao interior. Nas cidades coloniais brasileiras não se plantava árvores, entre outras coisas porque não havia meio-fio, a fachada das casas delimitando a largura de apertadas ruas de terra. Não havia espaço para árvores e além disso se julgava que sua sombra era maléfica, causando maleita ou sarna nos escravos, ou impedindo que o chão de terra secasse após a chuva. É bom ter em mente o seguinte fato: as primeiras cidades brasileiras foram conquistadas do mato e nesse espaço recém aberto ruas limpas de terra indicam progresso e civilização. A presença da árvore seria assim um lembrete da indesejável vizinhança do mato, a vergonha das origens, o horror da regressão a um passado rejeitado. Talvez até hoje as árvores ainda carreguem essa marca no inconsciente arcaico dos cidadãos contemporâneos.

A idéia de que a árvore é benéfica vem do Romantismo alemão e francês. O Jardim Botânico e o Passeio Público do Rio de Janeiro – este réplica do lisboeta – são as primeiras tentativas de replantação da natureza no espaço desmatado e edificado. O casamento do nosso imperador foi motivo de arborização decorativa de alamedas cariocas. Em São Paulo, esta decorre inicialmente da ação de particulares, as chácaras sombreadas dos barões do café, mais tarde incorporadas à malha urbana em rápida expansão. Posteriormente, com o movimento imigratório, são plantadas árvores que lembram terras deixadas para trás. Nosso patrimônio arborístico foi se fazendo assim dessa maneira não muito bem pensada, como é o próprio crescimento da cidade, e até hoje não está medido, nem valorizado, nem entendido, e já ameaçado de brutal mutilação.

Tentarei agora transmitir um pouco do que penso através de algumas fotografias. Esta primeira, por exemplo, uma árvore localizada ao lado do estádio do Pacaembu (1). Esse modelo de poda, que visa abrir espaço para a passagem da fiação, já aparece em vários bairros. A copa é estuprada. Penetra-se em seu interior, cava-se um oco em seu ventre. Aqui se percebe bem a mutilação de uma arquitetura, de um plano de crescimento. Se os galhos cortados já forem de uma certa idade, a estrutura do todo se perde e nunca mais será refeita. Segundo os técnicos no assunto, há três tipos de poda: de formação, de manutenção e de segurança. A primeira, deve ser

feita quando a árvore é nova, eliminando-se brotos ou galhos indesejáveis do ponto de vista de um bom equilíbrio do todo. O que vemos aqui não é isso, porque esta, como outras, já está formada. Trata-se de uma poda de segurança, porque essas árvores – usando uma expressão junguiana – estão na segunda metade da vida; a mutilação ocorrida nessa fase não tem mais remédio. Já passou o tempo da reparação.

Neste outro caso (2) dá para ver bem que galhos maduros foram cortados, e há brotos. Alguém que acredite no mito da poda dirá: “olha aí, ela não morreu, ela está brotando de novo”. Os brotos crescem em todas as direções, como numa ânsia de recomposição, mas seu esforço vegetativo não poderá recolocar a árvore no caminho perdido de evolução rumo a sua forma plena.

Este chorão (3) está ao lado da Fundação Armando Álvares Penteado, (FAAP), também no Pacaembú. Conseguirá alguém imaginar que ele possa crescer de novo e refazer o que perdeu?

Esta imponente figueira (4) é de Higienópolis. A foto é anterior a uma poda recente que a mutilou. Minha intenção foi mostrar que sua base, com essas belíssimas raízes, há anos é usada como depósito de lixo e entulho não removíveis pelo serviço municipal de coleta. Por que essa associação entre raiz e dejetos quando, desde a mais remota Antigüidade, o lugar das raízes de uma grande árvore é considerado um altar? É comum na Índia ver-se homenagens a Shiva ao pé das árvores: o tridente de ferro, uma pedra pintada de cor de açafrão, guirlandas de flores, lamparinas votivas, porque esse é um lugar sagrado, próprio para devoção e oferendas, é um local de vivências religiosas. Buda finalmente encontrou a iluminação meditando aos pés de uma *Ficus Religiosa*. Mas entre nós ocorre uma absoluta perda do sentido de sacralidade dos espaços. Cheguei a ver algumas vezes oferendas religiosas ao pé dessa árvore, segundo a tradição das religiões afro-brasileiras. Mas não se faz oferendas a entidades ou orixás ao lado de sacos de lixo e entulho de construções!

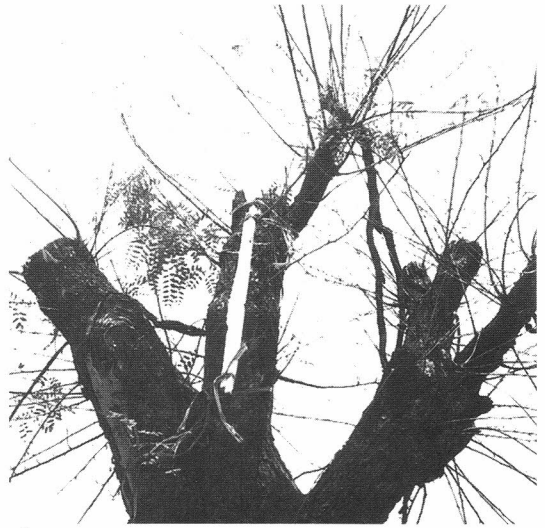
O que interessa notar nesta poda (5), de resto igual a todas as demais, é que não há rede elétrica alguma em sua vizinhança. Quem a podou do lado da rua onde havia, aproveitou e podou do outro, onde não havia fio nem pretexto.

Esta árvore (6), no Jardim Europa, ficou assim com dois braços abertos, como a querer dizer algo que ninguém ouve.

Esta outra (7), ao lado da Praça Buenos Aires, foi podada de maneira tão maluca que não se percebe nenhuma intenção, digamos, corretiva. Feitos a êsmo, os cortes a deixaram não apenas deformada, mas sem forma, um aleijão.



1



2



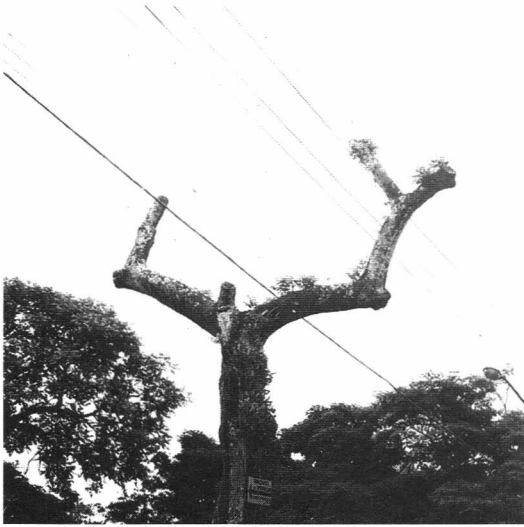
3



4



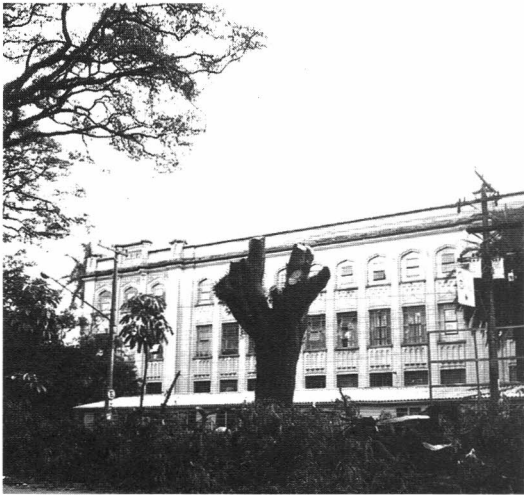
5



6



7



8



9



10

Este jacarandá paulista (8) fica na avenida Dr. Arnaldo, em frente à Faculdade de Higiene e Saúde Pública, e deve ser da época da abertura dessa via e da construção do prédio. Vê-se que havia um projeto urbanístico nessa área, que previa o plantio. Esta, foi-se.

Esta árvore de pequeno porte (9) fica em frente ao meu local de trabalho. Não me deixa esquecer.

Este arbusto (10), numa alameda dos elegantes Jardins, mal consegue manter-se em pé, mas mesmo assim alguém achou que seria um bom cabide para um saco de lixo.

A poda final. O que resta já não pode mais viver.
Árvore e alma, irmãs, espelhos uma da outra,
diante de olhos que não querem ver.

